

FRONTEIRAS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: APONTAMENTOS INICIAIS

Gregorio Pelegrino¹

Ewerton da Silva Ferreira²

Eduardo Lima³

Paloma Correa⁴

Jaqueline Carvalho Quadrado⁵

Resumo:

Este trabalho é um recorte que integra uma pesquisa realizada, em escolas de educação básica da cidade de São Borja/RS, cujo trabalho empírico aconteceu no ano de 2018. É um estudo etnográfico-participativo, com abordagem qualitativa. O trabalho explora temas relacionados a gênero, sexualidade, bullying lgbtfóbico e violência. Na pesquisa, a escola foi/é pensada como espaço constituído por sujeitos sociais que trazem nas suas histórias de vida os diversos traços da história e cultura(s) do seu território. Por isso, é imprescindível (re) pensar como as práticas cotidianas da escola lidam com as relações de gênero, que aflora neste ambiente institucionalizado. O presente estudo teve como objetivo analisar como as crianças e adolescentes (des) constroem fronteiras das relações de gênero em contexto escolar, a partir da coleta de dados realizada por meio das oficinas de extensão Fala Sério. O diário de campo foi o dispositivo de (in) formação no campo da pesquisa, através das narrativas dos participantes. O diário de campo configura-se como um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas na investigação, ao potencializar a compreensão dos movimentos da/na pesquisa e das diversas culturas inscritas no cotidiano da escola estudada. Emergiram diversos apontamentos, tais como, estigma, preconceito, violências acerca da orientação sexual. O estudo aponta para questões importantes a serem incluídas na formação inicial e continuada de professores, e a continuidade das oficinas Fala Sério.

Palavras-chave: Relações de Gênero, Pré-Adolescência, Educação, São Borja

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

**FRONTEIRAS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR:
APONTAMENTOS INICIAIS**

¹ Aluno de graduação. gregavanzi@gmail.com. Autor principal

² Aluno de Graduação. ewertonferreira266@gmail.com. Co-autor

³ Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (fapergs). elima2929@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluna de Graduação. palomabuenoc12@gmail.com. Co-autor

⁵ Docente. jaquelineq18@yahoo.com.br. Orientador

FRONTEIRAS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: APONTAMENTOS INICIAIS

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa “Fronteiras das relações de gênero e sexualidade em contexto escolar”, abordando de forma investigativa a questão articulada às temáticas da pré-adolescência, adolescência, relações de gênero e sexualidades. A execução processual da pesquisa envolve jovens de escolas públicas, compreendendo que os mesmos são sujeitos produtores de cultura e de sua própria história, em uma articulação com a extensão universitária, visando o conhecimento e a intervenção na realidade das instituições de ensino em São Borja/RS.

As discussões deste trabalho estão relacionadas aos aportes teóricos das perspectivas assumidas com base nas produções de pesquisas do Grupo de Estudos em Ética, Educação e Política- GEEP/UNIPAMPA e do Programa de Extensão Mulheres Sem Fronteiras, sobre pré-adolescência, adolescência, educação, gênero e dentre outros temas transversais.

O objetivo central da pesquisa é analisar como as crianças e adolescentes (des) constroem fronteiras das relações de gênero em contexto escolar, a fim de dar visibilidade sociológica aos discursos e práticas, na qual elas reproduzem, mas também produzem seus posicionamentos de meninos e meninas, em um espaço em que a livre iniciativa é proporcionada como princípio pedagógico. A argumentação se desenvolve no campo da educação pública, em particular o da educação básica, e alicerçada nos estudos de gênero, feminismos e sexualidades.

Nesse sentido, o texto assume uma perspectiva pós-crítica na inclusão de temas emergentes na realidade escolar e utiliza como fundamentação teórica os autores Seffner (2011, 2016, 2017), Louro (2002, 2011), Quadrado e Ferreira (2018) os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Orientação Sexual e demais autores que discutem a temática no âmbito escolar.

As oficinas do projeto de extensão, “Fala Sério”, são o campo empírico da pesquisa-ação. A produção de dados é resultado de estudo bibliográfico e documental, e se vale de observações registradas em relatórios e diários de campo. A aposta metodológica é a de forjar um modo de narrar coletivo que agencie experimentação e aprendizagens, aliados a modos de produzir cultura e de fazer pesquisa- extensão-ensino.

Compreender a importância do debate sobre os temas tangentes à sexualidade, pré-adolescência e adolescência dentro do ambiente escolar é imprescindível para a construção de uma nova realidade educacional, que contém em suas raízes a pluralidade de gênero, o respeito à diversidade, a reavaliação dos debates ortodoxos e a liberdade do saber.

2 METODOLOGIA

As oficinas Fala Sério estão sendo desenvolvidas em quatro escolas públicas do município de São Borja/RS com estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio, de acordo com a prioridade apresentada pelo Serviço Orientação Educacional - SOE da unidade escolar. Ao final das oficinas estima-se que serão contemplados 400 alunos, no entanto o foco dos relatos está em alunos e alunas que assumam uma orientação sexual diferente da heterossexual e que sofrem preconceitos por viver sua masculinidade ou feminilidade de maneira diferente da heteronormatividade.

O método para coleta de dados é a pesquisa etnográfica e participativa, ou seja, aquela onde o pesquisador se insere na realidade onde está sendo desenvolvida a atividade. O material é coletado durante as oficinas Fala Sério, após e durante a exposição dos temas e

discussões propostas pelo apresentador, os pesquisadores transcrevem relatos de alunos e alunas sobre suas experiências e reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Além de cenas presenciadas ao longo da estadia nas escolas (recreios, preparação das oficinas, conversas com estudantes, professores e gestores). Cabe destacar que todo material é registrado em diários de campo e seguido de uma teorização e, especialmente, uma reflexão crítica e propositiva de ações para apresentar à escola as informações coletadas. Nesse sentido, é fundamental realizar avaliação do conteúdo coletado em vista de um levantamento de dados com riqueza e veracidade, visto que “a pesquisa tem como foco os fatores (variáveis) que influenciam a opinião das crianças e adolescentes quanto à importância das fronteiras das relações de gênero no contexto escolar” (FERREIRA; QUADRADO, 2018, p. 1277). Dessa forma, o projeto consiste em uma ação indissociada de pesquisa e extensão que, sobretudo, oportuniza através da reflexão e planejamento de intervenções para transformar a realidade escolar local.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Ao trabalhar de forma imersiva os temas gênero, sexualidade, *bullying* lgbtfóbico e violência com os públicos pré-adolescentes e adolescentes, compreende-se que as escolas estão sob constante tensionamento, visto que a abordagem das relações de gênero e da sexualidade são normalmente excluídos dos currículos escolares. Mesmo assim, o público jovem se vê constantemente imerso nesta atmosfera, devido principalmente ao grande número de alunos que se encontram fora da normatividade heterossexual.

De acordo com Louro os espaços escolares e, especialmente, os espaços escolares e do currículo são palcos dessa disputa.

Esta disputa é travada, quotidianamente, em múltiplas instâncias sociais e, no currículo. De um lado, o discurso hegemônico remete à norma branca, masculina, heterossexual e cristã; de outro lado, discursos plurais, provenientes de grupos sociais não hegemônicos lutam para se fazer ouvir, rompendo o silenciamento a que foram historicamente submetidos. A escola e o currículo estão imersos em tudo isto, fazem parte deste jogo, portanto tem a possibilidade de alterar a configuração da luta (LOURO, 2000, p. 56).

Desde seu início, observou-se uma grande receptividade por parte das escolas da cidade, que, em sua grande maioria, aceitaram e oportunizaram os debates para os alunos, criando um espaço de geração de conhecimento mútuo entre bolsistas, alunos e professores da instituição. Isso pode se justificar na premissa de que a (des)construção de conhecimento gerado nestas exposições possibilita resultados positivos em relação à redução do *bullying* e discriminação com o público LGBTTQI+ no ambiente escolar, dado comprovado desde a primeira edição das oficinas “Fala Sério”, que teve sua ocorrência há quatro anos. Seffner e Picchetti reiteram sobre a pluralidade de gêneros e vivências dentro do ambiente escolar, destacando a necessidade de uma maior aceitação local.

A escola precisa rever seus regulamentos e modos de funcionamento para não beneficiar apenas àqueles tradicionalmente representantes da hegemonia. Nas questões de gênero e sexualidade, a norma atende pelo nome de heteronormatividade. Mas as escolas não são lugares onde apenas habitam meninos e meninas heterossexuais. E, mesmo estes, não têm todos os mesmos modos de viver sua masculinidade ou feminilidade (SEFFNER, 2016, p. 67).

Nessa perspectiva, compreendemos também que há, antes de quaisquer intervenções por parte das escolas ou fontes externas de ensino, uma predisposição do adolescente a

engajar em discussões que contemplem os temas deste estudo. Estes contatos, viabilizados pela presença de ícones generificados presentes na cultura *pop*, conteúdos comunicativos, músicas, telenovelas, discussões familiares e outros, inserem o jovem em um universo de descobertas sobre si e também o que isso implica no parâmetro social. Para compreender os efeitos dessas articulações, Seffner e Picchetti (2016, p. 77) trazem que “há efetivamente uma distribuição de poder na sala de aula, que deriva dos atributos de gênero e sexualidade - bem como de cor da pele, classe econômica, padrão estético e outros elementos”. Entender a importância desses tensionamentos dentro do perímetro escolar ajuda também a criar um ambiente favorável à formação de sujeitos não preconceituosos, visto que a educação escolar é um componente obrigatório na hora da formação da identidade social do sujeito.

Considerando os dados coletados através da pesquisa etnográfica participativa, destacam-se alguns dos resultados parciais. Com a pesquisa realizada na escola 1, uma escola estadual localizada no centro da cidade, com nota alta no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, frequentada por alunos de classe média, tivemos um *quórum* de 22 pessoas, sendo autodeclarado pelos participantes, 19 mulheres e dois homens, sendo um deles abertamente declarado homossexual. Do público presente, a grande maioria dos participantes tinha acima da faixa dos 40 anos, visto que a oficina foi aplicada para os alunos do Magistério.

De praticamente todos os participantes da oficina foi perceptível a vontade de aprofundar os conhecimentos, e atenção na hora da apresentação. Dos 22 presentes, nenhum se ausentou durante a oficina, porém, tivemos duas participantes que chegaram um pouco depois do início da atividade.

Quanto aos relatos externados nas oficinas realizadas na escola 1, há um grande número de informações relevantes, porém, se ressaltará algumas, tais como, equívocos na compreensão das conceituações sobre as relações de gênero e sexualidade, no que diz respeito às modalidades, suas particularidades e reflexões dentro do ambiente escolar. O conceito com maior dificuldade de compreensão está ligado a identidade de gênero, visto que para os participantes o que determina o gênero é o sexo biológico. Por conta das experiências e dos casos da vida de cada um dos participantes, houve muitos relatos de situações de violência e intolerância, compartilhadas pelos alunos, trazendo riqueza para o debate.

Em uma das falas, podemos ver como a aluna A, relata em forma de “brincadeira” já ter sofrido violência em casa por parte de seu ex marido e enfatiza como o conhecimento destes tópicos é importante para o desenvolvimento pessoal. Ela traz:

Eu já fui muito submissa dentro de casa, fazia dupla jornada por conta do meu ex marido, mas agora graças a deus tô livre, dei o grito da liberdade (ALUNA A, 2018).

Em outros momentos vimos também a preocupação de alguns alunos em relação à violência dos pais contra os filhos LGBTQ+ na infância, quando uma aluna, aqui posta como aluna B contou sobre uma situação que havia presenciado na escola em questão. Segundo ela:

O guri veio de casa falando pro coleguinha que ele não podia fazer aquilo porque era coisa de *viado*, e eu não hora *botei* ele sentado e fiz ele pedir desculpas pro colega. Ele me disse que quem tinha dito aquilo pra ele foi o pai em casa, e eu na hora expliquei que não era assim. Hoje o guri é completamente diferente, *tá* mais respeitoso e tudo mais” (ALUNA B, 2018).

Na fala de uma outra aluna ela problematizou sobre os estereótipos atribuídos aos homens e mulheres e, principalmente, no que tange às diversas formas de masculinidades e feminilidades. De acordo com as falas, a orientação sexual das pessoas está definida apenas pela forma que ela se expressa, ou seja, homens que são mais afeminados automaticamente

são homossexuais, e mulheres mais masculinas são lésbicas. É possível perceber isso na fala da Aluna C e D.

Ele era mais afeminado, e eu nunca perguntei, um dia comentei que havia terminado meu relacionamento e que não tinha ninguém que prestasse. Ele disse que eu nunca deixei chance para ele. E eu larguei tu é puto. Ele disse eu sou homem e ele me largou a boca (ALUNA C, 2018).

Ele era meu amigo que achava que era gay e ele era afeminado, rebolava mais que a gente, tive uma decepção na adolescência e estava desabafando, ele se declarou para mim. Eu disse que achava que ele era gay. Ele se ofendeu, mas depois conversamos e seguimos melhores amigos. Fortaleceu amizade. Passou alguns e apresentei minha amiga para ele, eles se casaram e viveram felizes para sempre. Acho que ele era assim, pois sempre morou com as irmãs e vivia com as mulheres (ALUNA D, 2018).

A partir de alguns dos depoimentos dos alunos que participaram da oficina, pode-se confirmar que as temáticas das relações de gênero e sexualidade estão sempre presentes no dia a dia na escola, seja em situações ocorridas dentro da sala de aula ou no âmbito das experiências e relações familiares de cada um. Ter a inserção dos aspectos conceituais da violência de gênero e a lgbtfobia dentro das salas de aula é o primeiro passo para garantir a formação do sujeito social que respeita, convive com as diferenças e não responde com violência aos casos de ruptura da normatividade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vários cenários vistos dentro das salas de aula apresentam diferentes desafios e realidades singulares para a docência, mas o estigma da generificação e da intolerância ao público LGBTQ+ ainda é, de longe, um dos maiores e mais antigos dramas da área. Tendo em mente que a escola não só faz parte do processo de construção do conhecimento do sujeito, mas também é palco para um defloramento de personalidades e comportamentos dos jovens, é reforçada a necessidade da renovação do ambiente escolar, valorizando sua pluralidade e quebrando os processos de supervalorização normativa e hegemônica.

Ao compreender a relevância destas intervenções para atingir um ambiente escolar plural, livre de preconceitos e que comporte adequadamente as diferenças de gênero, vemos que a execução das oficinas Fala Sério, assim como também outras intervenções que tragam estes temas para a sala de aula, são essenciais para a reflexão e combate à discriminação de gênero, como também para atingir um cenário favorável de conhecimentos sociais e humanos para os adolescentes.

Com a aplicação destas ações, somadas ao esforço da pesquisa especializada e a continuidade dos trabalhos de inclusão dos temas emergentes supracitados, será possível articular conhecimentos e viabilizar uma rede de combate à intolerância e ao *bullying* lgbtfóbico na escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Orientação Sexual. 1997.

FERREIRA, Ewerton da Silva Ferreira; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. Fronteiras das relações de gênero e sexualidade em contexto escolar. In. Nós do Sul: Laboratório de Estudos e Pesquisas Sobre Identidades, Currículos e Culturas - FURG, Grupo de Pesquisa Corpus

Possíveis - Educação, Cultura e Diferenças - UFOB (Organizadores). **SENACORPUS - Seminário Corpus Possíveis no Brasil Profundo**. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

_____. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2001.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara de Paula. A quem tudo quer saber, nada se lhe diz: uma educação sem gênero e sem sexualidade é desejável?. **Revista Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 61-81. 2016.

SEFFNER, Fernando. Tem nexos não falar sobre sexo na escola?. **Revista Textual**, p. 22-29, 2017.